

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALANA ARAÚJO RODRIGUES

**A REPRESENTAÇÃO DA VARIEDADE REGIONAL EM NOVELAS
TELEVISIVAS: CARICATURA OU REPRESENTATIVIDADE?**

**ARAPIRACA
2021**

Alana Araújo Rodrigues

**A REPRESENTAÇÃO DA VARIEDADE REGIONAL EM NOVELAS
TELEVISIVAS: CARICATURA OU REPRESENTATIVIDADE?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Vitorino de Moura Oliveira

Arapiraca
2021



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Campus Arapiraca - BCA

R696r Rodrigues, Alana Araújo
 A representação da variedade regional em novelas televisivas: caricatura ou
 representatividade / Alana Araújo Rodrigues. – Arapiraca, 2021.
 19 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico (Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca,
2021.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).
Referências: f. 18-19.

1. Sociolinguística. 2. Variação regional. 3. Preconceito linguístico. I. Oliveira,
Eliane Vitorino de Moura. II. Título.

CDU 81

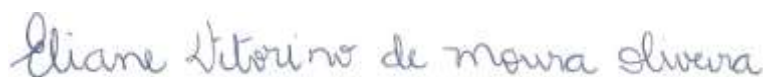
Alana Araújo Rodrigues

A representação da variedade regional em novelas televisivas: caricatura ou representatividade?

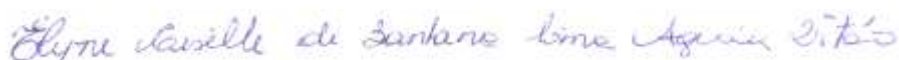
Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 14/12/2021

Banca Examinadora



Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientadora)



Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinadora)



Profa. Dra. Vanessa Hagemayer Burgo
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
(Examinadora)

A REPRESENTAÇÃO DA VARIEDADE REGIONAL EM NOVELAS TELEVISIVAS: CARICATURA OU REPRESENTATIVIDADE?

THE PORTRAYAL OF REGIONAL VARIETY IN TELEVISION SOAP OPERAS: CARICATURE OR REPRESENTATION?

Alana Araújo Rodrigues¹

Eliane Vitorino de Moura Oliveira²

RESUMO: A mídia, em especial a televisiva, exerce papel importante na veiculação de ideias, alcançando grandes massas instantaneamente. Entre seus produtos, as telenovelas têm destaque, pois disseminam não só ideias como também representações linguístico-culturais. Essas constatações instigaram-nos a analisar dois desses produtos exibidos por um dos mais importantes canais midiáticos brasileiros, a Rede Globo de Televisão. Trata-se da telenovela “Eta Mundo Bom!” (2016), exibida às dezoito horas, e a supersérie “Onde Nascem os Fortes” (2018), exibida às vinte e três horas, ou seja, ambas ocupando horário de destaque na programação da emissora. De cada uma das obras, escolhemos quatro personagens e analisamos sua fala, a fim de averiguar se a representação linguística dada a esses personagens promove caricatura do falante regional – rural e nordestino, neste caso – ou se é uma reprodução autêntica. Para tanto, foram assistidos capítulos de ambas as obras, transcrevendo falas que apresentavam aspectos produtivos para a pesquisa. Baseados na Sociolinguística, especialmente pelos teóricos Labov (2008 [1972]; Bortoni-Ricardo (2004), Camacho (1988), Pagotto (2004), Bagno (2015), entre outros, apuramos que em uma das obras, a telenovela, a representação do homem do campo é estereotipada, instrumento de comicidade, representando processos linguísticos não reconhecidos pela Sociolinguística, ampliando uma mazela já enraizada em nossa sociedade, que é o preconceito linguístico. A macrossérie, no entanto, exhibe personagens mais fiéis às características físicas e linguísticas do sertão de Pernambuco, sendo representativa linguístico-culturalmente desta parcela do povo nordestino.

Palavras-chave: variação regional; preconceito linguístico; telenovelas.

ABSTRACT: The television media plays an important role in the dissemination of ideas, reaching large the masses instantly. Among its products, soap operas stand out, for they disseminate not only ideas but also linguistic-cultural representations. These findings have instigated us to analyze two of these products exhibited by one of the most important Brazilian media channels, Rede Globo of Television. These are the soap opera "Eta Mundo Bom!" (2016), shown at 6pm, and the super-series "Onde Nascem os Fortes" (2018), shown at 11pm, i.e., both occupying prime time in the broadcasting programming. From each, we chose four characters and analyzed their speech, in order to ascertain whether the linguistic representation given to these characters promotes caricature of the regional speaker - rural and northeastern, in this case

¹ Graduanda em licenciatura de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas – Campus de Arapiraca. E-mail: alana.araujo2010@gmail.com

² Docente na Universidade Federal de Alagoas, no Curso de Letras - Língua Portuguesa/Campus de Arapiraca. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL) com pesquisa na área de Sociolinguística Educacional. Especialista em Língua Portuguesa pela UEL, com capacitação em Ensino de Português Língua Estrangeira pela Universidade de Coimbra. E-mail: eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br

- or whether it is an authentic reproduction. To this end, we watched chapters of both works, transcribing speeches that presented productive aspects for the research. We are based on Sociolinguistics, especially by the theorists Labov (2008 [1972]), Bortoni-Ricardo (2004), Camacho (1988), Pagotto (2004), Bagno (2015), among others. In this basis, we found that in the soap opera the representation of the rural man is stereotyped, an instrument of comicality, representing linguistic processes not recognized by Sociolinguistics, amplifying a scourge already rooted in our society, which is the linguistic prejudice. The super-series, however, showed characters that are more faithful to the physical and linguistic characteristics of the backlands of Pernambuco, being linguistically and culturally representative of this part of the people of the Northeast.

Keywords: regional variation; linguistic prejudice; soap operas.

1 INICIANDO A CONVERSA

Pela fala, cada indivíduo expressa-se de maneira pessoal, mas sempre atendendo a um acordo coletivo e seguindo determinadas regras e certas orientações, na maioria das vezes, irrefletidas. Essas regras e orientações criam marcas que nos identificam, ditando nossa origem, idade, sexo e classe social, descortinando as práticas de letramento dos eventos pelos quais circulamos, nossa aproximação ou nosso distanciamento dos letramentos hegemônicos etc., E esse uso pessoal da língua, instrumento de interação dinâmico e heterogêneo, como vimos, é representado na mídia diariamente, por meio de diferentes gêneros do discurso, nos quais tais usos são reproduzidos em programas diversos, na televisão, no rádio, no cinema, no teatro, na internet.

Como a arte, de uma maneira geral, imita a realidade, a fala é o instrumento principal quando se pensa em caracterizar, identificar, marcar um personagem humano. No Brasil, um gênero bastante popular e, conseqüentemente, influente é a novela televisiva. Fonte de entretenimento da maioria dos brasileiros, ela tem levado aos telespectadores representações de diversos personagens, cuja expressão linguística também é bastante variada.

Preocupa-nos a maneira como os diferentes falares são representados em um gênero com tamanho alcance já que as características que se escolhe evidenciar, até certo ponto, determinam o olhar dos telespectadores para os grupos ali ilustrados. A maneira como são representados os falares regionais tanto pode enaltecer quanto desmerecer as variedades representadas, atuando sobremaneira para a perpetuação ou para a erradicação do preconceito linguístico. Diante disso, nossa pesquisa se volta para a construção representativa do falar de personagens, analisando a ocorrência – ou não – do preconceito linguístico.

O que torna o tema relevante é a maneira como se dá tal personificação, uma vez que ela pode tanto mostrar a variação linguística sob um enfoque neutro, apenas apresentando-a em sua naturalidade, como pode também estereotipar, ou mesmo deturpar falares, especialmente os regionais.

Neste trabalho, sob o embasamento da Sociolinguística, nosso olhar se volta para duas obras, uma novela exibida às dezoito horas, e uma supersérie, exibida às vinte e três horas, com o objetivo de analisar a expressão linguística de quatro personagens de cada obra, a fim de averiguar se tal representação promove uma caricatura do falante regional – rural e nordestino, neste caso – ou se a representação é autêntica.

Para alcançar esse objetivo maior, inicialmente buscamos apoio em autores como Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2015), Pagotto (2001), Camacho (2008), os quais embasam nossas análises, conforme reflexões apontadas na seção a seguir.

2 TEORIAS QUE NOS EMBASAM

Constituímo-nos como sujeitos pela linguagem. Diferenciamo-nos dos animais por nossa capacidade de articular essa linguagem sistematicamente e materializá-la na fala. Falamos de um *sistema vivo* pois nossa pesquisa é pautada em estudos e evidências que desautorizam a concepção de língua como um produto acabado, homogêneo e imutável, visto que é ela que compõe a corrente da interação das relações sociais que se dão entre os sujeitos, numa dinâmica geradora da variação.

Esse olhar sobre a língua em movimento já, há algum tempo, vem sendo alvo de estudos por pesquisadores interessados em compreender os fatores que favorecem a ocorrência das diversas formas linguísticas presentes na fala espontânea de pessoas, grupos e comunidades. Ademais, os estudos empreendidos por Labov (2008) apontam para a naturalidade da variação linguística, como algo essencial à linguagem humana. É perfeitamente possível o uso de um vocábulo, uma expressão ou uma estrutura em lugar de outra, sem que os sentidos sejam modificados.

Sendo variação linguística a possibilidade de usos linguísticos permutáveis, ela pode acontecer relacionada a fatores internos e externos à língua, como o local físico em que se produz a fala, a classe social ou a escolaridade dos falantes, o tempo em que os atos de interação acontecem, e o contexto de fala.

Coseriu (1982), Camacho (1988), Ilari e Basso (2006) e Coelho et al (2015)³ são alguns dos estudiosos que se voltam para a variação. Para este estudo, optamos pela classificação de Camacho (1988), o qual organiza a variação em Histórica ou Diacrônica, Social, Estilística, Geográfica ou Espacial.

Para o autor, Variação Histórica ou Diacrônica refere-se às mudanças linguísticas resultantes da evolução histórica, desde que seja plausível reconhecer. A Variação Social, “resultado da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da sociedade” (CAMACHO, 1988, p. 32), relaciona-se às diferenças de ordem socioeconômica, sociocultural e sociobiológica, por conseguinte, traz em seu bojo o estigma e o preconceito. Já a Variação Estilística relaciona-se ao registro, ao papel social desempenhado no momento da interação linguística.

A Variação Geográfica ou Espacial, também chamada de regional ou diatópica, é foco deste trabalho, embora isso não o limite, pois outras marcas de variação podem vir imbricadas, já que, como bem observam Coelho et al (2015), os tipos não ocorrem em separado e nem são independentes de fatores internos à língua.

Essa variação é, geralmente, a mais perceptível devido a sua relação intrínseca com identidade sendo, por isso, a mais utilizada nas caracterizações. Usos lexicais e questões fonético-fonológicas inconscientes, oportunizam essa percepção, pois são escolhas realizadas pelos falantes que assinalam, além dessa sua identidade linguística, o contexto de produção da fala, o que compreende não só os papéis sociais desempenhados, mas a relação de pertencimento e a atitude em relação à variedade possível de ser utilizada em determinados contextos.

Pesquisas pioneiras de Labov (2008) tratam dessa questão. Em sua investigação na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, o autor percebeu diferença na fala dos moradores, notando a centralização e a não-centralização de vogais, concluindo haver “uma distribuição social dos ditongos”, nas palavras de Calvet (2007), pois os vineyardenses com maior identificação com a Ilha adotavam uma pronúncia insular, já os que desejavam deixá-la

3 Coseriu classifica a variação em diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica; Ilari e Basso, em diacrônica, diatópica, diafásica e diamésica; por fim, Coelho e outros classificam em regional ou geográfica, social, estilística e fala/escrita.

adotavam a pronúncia continental. Ou seja, a atitude linguística dos falantes era crucial para o uso de uma vogal menos ou mais centralizada, já que se identificar ou não com a região era mostrado na fala.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 33), ao discorrer a respeito da variedade regional como instrumento que confere identidade a um grupo, assegura que “ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais”. Assim, entende-se que a relação de pertencimento com a comunidade de fala constitui essa identidade linguística, que, também por isso, não pode ser considerada estática nem inata, mas construída dialeticamente. Pagotto (2004, p. 133), nesse sentido, assevera que “cada falante é multifacetado em tipos vários, não é uno e sua fala só se organiza quando confrontada com a fala de outros”, o que leva a entender que “a identidade [...] não é uma relação unívoca, mas heterogênea”.

A discussão empreendida aqui vai ao encontro do que reflete Le Page (1980, p. 13) quando assevera: “My thesis is that in essence each and every speech act is like this: an act of identity towards an audience, an instant pidgin, the product of interaction, not simple of an individual’s competence in the Chomskyan sense”⁴.

Dessa maneira, entende-se que a identidade linguística, além de individualizar, insere o falante em uma similitude maior, já que a fala de cada um traz as marcas das comunidades, grupos ou redes de interação com a qual se identificam.

Nesse sentido, Pagotto (2004, p.125) defende que “o significado social das formas variantes é uma consequência direta do processo de identidade do sujeito, na sua relação com a língua”, afirmando, também, que “o que faz com que os informantes possam refletir esse processo não é o fato de que pertencem a este ou àquele grupo, mas o fato de que os sujeitos se identificam nesse ou naquele grupo”.

Essa identificação do falante com as variantes linguísticas do grupo ou das redes de sua relação podem não ser as mais bem avaliadas socialmente, mas se o sentido de pertencimento do sujeito for grande em direção a um determinado grupo ou rede de interação, maior será o engajamento no uso de marcas destes contextos de interação.

Essa proposição é relevante para este trabalho quando pensamos na relação entre a avaliação social de identidade grupal e pessoal. Na realidade, as variantes recebem valorização que reflete a hierarquia dos grupos ou das redes de interação social consideradas superiores ou inferiores, dependendo do contexto social em que se enquadram os seus falantes. Como pontua Gnerre (1994, p.6), “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.” O preconceito direcionado a variantes que marcam determinadas variedades das línguas, no foco deste trabalho o Português Brasileiro (PB), é real, embora não haja nenhuma motivação linguística que dê o estatuto de superioridade a uma ou outra variante/variedade linguística.

Bagno (2015) explana sobre o alto grau de diversidade que comporta o PB, gerado pela imensidão territorial e pela distribuição desigual de renda e de educação de qualidade que marca nosso país. Essa diversidade gera uma manifestação do preconceito social: o preconceito linguístico, o qual, segundo o autor, é uma das mais poderosas formas de preconceito, pois não é notado como um problema a ser combatido, como algo grave que fere as individualidades e ocasiona discriminação.

Bagno (2015, p. 23) observa a inexistência de qualquer forma de “*política linguística* oficial, planejada, explícita, teoricamente bem fundamentada, que se ocupe, por exemplo, dos

⁴ “minha tese é que, essencialmente, todo ato de fala é isso: um ato de identidade em favor de um público, um pidgin instantâneo, o produto da interação e não simplesmente a competência individual do falante, como prevê as teorias de Chomsky.” (tradução nossa).

direitos linguísticos dos falantes de línguas minoritárias [...], que defenda e valorize a diversidade linguística do português brasileiro [...]”⁵.

É preciso haver conscientização para a valorização e a legitimação do PB, nossa identidade, nossa língua materna, com respeito às variedades existentes e a valoração dessas formas de falar típicas de regiões, grupos e redes de interação social.

Uma forma de empreender isso, para o autor, seria analisar a realidade linguística brasileira a partir de olhares específicos para três pontos: i) a norma-padrão, ou “o modelo idealizado de língua ‘certa’ descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa” (BAGNO, 2015, p. 12, grifos do autor) e que não tem nenhuma correlação com o real; ii) para as variedades efetivamente praticadas por falantes de maior nível de escolaridade e de prestígio social e, por isso, prestigiadas; iii) para o conjunto de variedades estigmatizadas, produtivas pela maioria dos falantes do PB.

Dentro dessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004) propõe que o português brasileiro seja analisado a partir de três contínuos: o contínuo de oralidade e letramento; o contínuo de monitoração estilística e o contínuo de urbanização.

Uma fala cujo referencial é permeado pela escrita, de alto nível de letramento, difere de outra em que a oralidade é predominante. Além disso, há momentos em que monitoramos nossa expressão linguística, usando uma variedade mais próxima da norma-padrão, diferindo de outros em que nossa fala é espontânea, familiar, e mostramos o nosso vernáculo.

A fala de todo brasileiro pode, também, ser alocada em pontos mais próximos ou mais distantes do falar rural ou urbano. É esse contínuo, o de urbanização, que nos interessa neste trabalho.

Para Bortoni-Ricardo (2004), o uso de determinadas expressões possibilita a alocação dos falantes neste contínuo. Maior número de traços descontínuos aproximam os falantes do extremo rural, ao passo que menos uso aloca-os em pontos mais próximos do urbano. No meio termo, em que há mescla de traços descontínuos e traços graduais, os falantes são considerados no ponto “rurbano” dessa linha imaginária.

Entende-se como traços descontínuos aqueles que promovem uma ruptura, gerando estranhamento e, com isso, preconceito em relação a essas marcas. É o caso de rotacismos (bicicreta/bicicleta), iotização (trabaio/trabalho), ausência da concordância verbal (nós vai estudá/nós vamos estudar), alguns casos de palatização (oitcho/oito), entre outros.

Traços graduais são aqueles presentes na fala de todos os falantes do PB em momentos de descontração, em que a fala não-monitorada é mais recorrente. É o caso da monotongação (peixe/peixe), ditongação (treis/três), apócope (trabalhá/trabalhar), aférese (tá/está) entre outras.

Os traços descontínuos são marcas de identidade de variedades populares e rurais do PB, sendo bastante produtivos na fala da maioria da população brasileira, que sofre preconceito com isso.

Bagno (2015) traz uma reflexão acerca de um fenômeno linguístico que pode sofrer ou não estigma. É o caso da palatização. Como mostra o autor, os falantes do Sudeste ao pronunciarem a consoante T seguida de I, fazem-no como na palavra “tcheço”, e isso não causa riso ou estranhamento. Entretanto, o falante da zona rural do Nordeste, ao pronunciar a palavra muito como “muitcho” gera uma avaliação negativa, mesmo sendo o mesmo fenômeno linguístico, com algumas alterações estruturais.

O autor (2015, p. 69) questiona “Então, se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um ele é ‘normal’ e na boca do outro ele é ‘engraçado’, ‘feio’ ou ‘errado’?” E ele mesmo responde: “Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive.”

⁵ Grifos do autor.

3 PASSOS E PROCEDIMENTOS

A Sociolinguística, em seu âmbito macro, ao analisar os dados com um foco qualitativo, nos dá seus pressupostos. Como método, utilizamos a proposta de Bortoni-Ricardo (2009), em que se alocam os falantes analisados em pontos de linhas imaginárias de acordo com sua expressão linguística. Neste artigo, concentramo-nos em posicionar os falantes no “contínuo de urbanização”, a partir de variantes apresentadas em suas falas, por entender que tal passo estabelece um panorama mais completo da expressão destes personagens.

Bortoni-Ricardo (2009) assevera que, ao longo desse contínuo dialetal, podem ser alocados todos os falantes, mediante sua aproximação ou seu afastamento dos polos, estando em um extremo os falares rurais isolados e, em outro, o falar urbano comum às classes privilegiadas, encontrando-se no meio dessa linha os falares *rurbanos*, variedades “usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que, na maioria dos casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê introdução de tecnologia” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 21). A Figura 1 traz a representação desse contínuo:

Figura 1 – Contínuo e Urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004)

Bortoni-Ricardo (2009) ainda alerta para as fronteiras fluidas que separam os falantes nos pontos deste contínuo, pois a alocação vai depender do uso frequente de dois tipos de regras variáveis: as formas graduais, ou variantes presentes na fala de praticamente todos os brasileiros, dependendo do grau de monitoramento, e as descontínuas, que são aquelas marcas que apontam os falares regionais e sociais mais estigmatizados, passíveis de preconceito e discriminação.

A fim de responder às questões que permeiam esse trabalho, foram selecionadas duas obras televisivas: a novela “Eta Mundo Bom!” e a supersérie “Onde nascem os fortes”, ambas exibidas pela Rede Globo de Televisão. A primeira, com exibição em torno das dezoito horas, traz a diferença entre sítio e cidade em um cenário que, mesmo partindo de uma avaliação superficial, pode ser considerado um estereótipo da zona rural. Toda a construção cenográfica prevê o riso, por intermédio da caricaturização dos personagens e do ambiente.

Os quatro personagens escolhidos para nossa análise nesta novela são Candinho, Filomena, Anastácia e Pancrácio (respectivamente interpretados por Sérgio Guizé, Débora Nascimento, Eliane Giardini e Marco Nanini). Candinho, personagem central da trama, é um matuto bem ao estilo do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Trajes e expressão linguística marcam sobremaneira sua identidade rural. Filomena é uma moça do sítio que, por obra do destino, muda-se para a cidade e, a partir disso, passa por mudanças consideráveis na caracterização. Pancrácio é um professor culto, com amplo acesso aos letramentos hegemônicos à época em que se desenvolve a trama, com uma particularidade: veste-se de outros personagens. Anastácia é uma senhora de classe social privilegiada e, com isso, variedade urbana e da cultura letrada.

A supersérie “Onde nascem os fortes” foi exibida em torno das vinte e três horas. Trata-se da história de dois jovens de Recife em visita ao interior do estado, no sertão nordestino.

Cenários e personagens representam o Nordeste, nomeadamente a seca, a quentura, todo o estigma que envolve o sertão.

Pedro, Cássia, Joana e Ramirinho (interpretados por Alexandre Nero, Patrícia Pillar, Maeve Jinkings e Jesuíta Barbosa, respectivamente) foram os selecionados para nosso olhar. Pedro, nascido e criado na região, representa a classe privilegiada; Cássia, mulher culta, nascida na região, muda-se para a capital, retornando vinte anos depois. É também letrada e culta. Joana é “forasteira”. Funcionária de uma fábrica, pode ser vista como representante da classe operária; Ramirinho é filho do juiz da cidade, também representante da classe privilegiada: traveste-se de Shakira do Sertão, atuando como atração em bares noturnos da cidade.

Escolhidas as obras e os personagens, partimos para a seleção do corpus. Foram horas de assistência aos capítulos, seleção dos trechos com a problemática levantada nesta investigação e a transcrição das falas, de acordo com o que orienta a Chave de Transcrição do Projeto Vertentes do Português popular do Estado da Bahia⁶, a fim de responder às perguntas que norteiam a pesquisa, a saber:

i) haveria representação fidedigna, neutra ou caricata das variedades rural e nordestina nas obras analisadas?;

ii) as representações serviriam como promotoras do estereótipo e, com isso, do preconceito linguístico em relação aos falantes rurais e nordestinos?;

iii) o horário de exibição seria um fator para o simulacro ou para a autenticidade dos falares?;

iv) a questão da identidade poderia levar os personagens à mudança linguística, diante do preconceito expressado por outros personagens na trama?

Para responder a essas questões, realizamos uma pesquisa qualitativa e interpretativista, obtendo os resultados apresentados na seção a seguir.

4 O QUE MOSTRAM OS DADOS

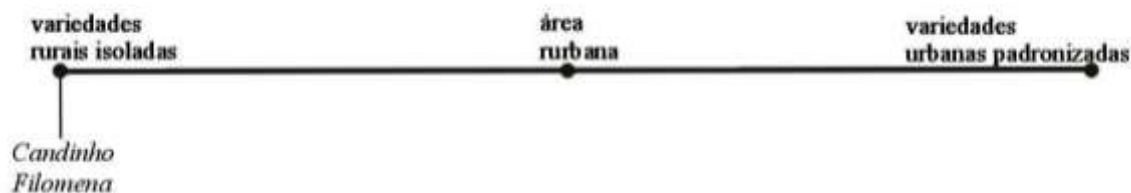
Conceituando estereótipo como formas marcadas com valor social, associadas a um determinado grupo e presentes na consciência dos falantes (exemplo: todo nordestino fala muito / todo morador da zona rural fala trabaiá / todo baiano fala devagar etc.), consoante Pagotto (2004), entendemos que, dentro da realidade televisiva, todo personagem traz um pacote das características que se quis ressaltar por um motivo específico. Há uma intenção por trás da representação dessa e não daquela característica, ou o exagero de alguma, o apagamento de outra. O personagem é uma cópia do indivíduo real, e esse “(...) retrato que resulta será uma caricatura ou não, conforme a maneira de colocar esse sujeito observado a partir do quadro de análise.” (Pagotto, 2004, p. 102)

Nesse sentido, traçamos uma linha de análise que compara os oito personagens entre si, a fim de identificar quais características se buscou ressaltar para concluir se houve ou não caricaturização.

Partimos de dois personagens da novela “Eta Mundo Bom!”: Candinho e Filomena, localizando-os no contínuo de urbanização (Bortoni-Ricardo, 2004), em suas primeiras aparições na novela, quando não tinham tido nenhum contato com ambiente urbano e toda o seu conhecimento linguístico havia sido construído em ambiente rural.

⁶ Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao>. Acesso em 27. nov. 2021

Figura 2 – Contínuo e Urbanização “Êta Mundo Bom”



Fonte: A autora (2021)

Como exemplo dessa alocação, transcrevemos uma interação entre os dois personagens, logo no primeiro capítulo da novela⁷:

Filomena: sabe, Candinho, muitas *vez* eu penso que *nois* aqui nessa fazenda *samo* pior que *arvre*, *nois* butamo raiz, fiq~~ue~~mo no *memo* lugar nunca *saimo* daqui...

Candinho: *mai*, o que que *cê tá dizem*o, Filó?

Filomena: Ara é que o mundo é tão grande! Eu ouvo *nas novela* de rádio tanta história bonita de amor, de aventura, queria *conhecê* o mundo... Dissero que São Paulo tinha um prédio tão arto, tão arto, que chama de aranha céu...

Candinho: *Mai* será que ranha *memo*? Será que fura o **cér** *memo*?

Filomena: É modo de dizer, bobão

Candinho: Eu sei, Filó. Eu não sou tão buro como pareço não, é que eu pensei no **cér** todo furadinho assim que nem uma *penera*, os *anjo* caindo tudinho aqui na Tera... Ô Filó, é tão bom *vivê* num lugar só, ter *famia*, *fazê* uns fio...

Filomena: Às vez eu penso que queria ser que nem uma foia... levada pelo vento, não presa pela raiz, *cê* nunca teve vontade de ir embora, Candinho? (ÊTA MUNDO BOM!, 2016, cap. 01)

Observa-se, no exemplo, a abundância de variantes rurais na fala dos personagens. Os traços descontínuos (Bortoni-Ricardo, 2004) são bastante recorrentes, como *arvre*, *butamo*, *fiq~~ue~~mo*, *arto*, *famia*, *fi*o etc., havendo, inclusive, algumas variantes, como “*cér*” para “*céu*”, em que há rotacismo, que podem ser consideradas incaracterísticas. Não é produtivo na fala a troca do fonema /u/ pelo fonema /r/, já que o metaplasmo se refere à troca do /l/ pelo /r/ no falar rural. Temos, portanto, já uma mostra de estereótipo nessa representação.

Além disso, o exemplo traz outras possibilidades de análise. Enquanto Candinho demonstra imensa satisfação em viver no ambiente rural, Filomena deixa transparecer a vontade de conhecer outros lugares; ou seja, em Candinho há uma identificação com a fazenda, coisa que não acontece com Filomena. À medida que a narrativa evolui, na mesma época, ambos mudam da fazenda para a cidade, porém movidos por sentimentos e motivos diferentes.

Assim, a ida para São Paulo, para Candinho é a representação de perda, enquanto para Filomena é uma conquista, fator que influenciará grandemente na mudança de variedade praticada pelos personagens.

Bagno (2015, pág. 73) trata de fatores externos influenciando possíveis transformações na variedade linguística como um meio de buscar identificação em uma comunidade de fala.

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade

⁷ Destacamos, em sublinhado, os traços descontínuos; os graduais destacamos em itálico.

é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. (BAGNO, 2015, p.73)

As diferenças se mantêm entre os personagens quando chegam em São Paulo. Enquanto a variedade linguística de Filomena é motivo de riso para os demais personagens, Candinho é tratado com naturalidade

Essa exposição à avaliação de falantes da variedade urbana, então realidade da comunidade de fala de Filomena, o que gerou, inclusive, constrangimentos, somada ao processo de identificação, contribuiu para que Filomena entendesse que sua variedade linguística já não estava atendendo suas necessidades de interação e que, portanto, deveria abrir espaço para mudança.

Nos diálogos que seguem, é lícito detectar o preconceito em relação à fala da personagem:

Diana: Filomena, trabalha?

Filomena: Eu vô ser taxi girl *que nem ocês*

Diana gargalhando: Que caipirona, Ernesto.

Clarice: Eu lhe ajudo, Filomena, eu também vim do interior (ÊTA MUNDO BOM!, 2016, cap. 03)

Filomena: Nois vai fazê pé das meia pra mode casá

Diana gargalha e Clarice tenta conter o riso

Diana: Me faz um favor? Não, dois! Primeiro: aprende a falar como gente e segundo, pare de dizer asneiras... Ernesto casar com você? Isso é piada. (ÊTA MUNDO BOM!, 2016, cap. 04)

A cena descrita expressa claramente o preconceito das mulheres em relação à expressão linguística de Filomena. Marcas do falar rural, como o /r/ retroflexo, a ausência de concordância verbal padrão, entre outros, causam estranhamento e riso nos ouvintes. Esse seria um momento ideal para trabalhar a questão do preconceito linguístico, talvez com uma resposta de outro personagem defendendo a fala de Filomena, mas isso não acontece.

É uma pena que seja assim. Todo esse formidável poder de influência dos meios de comunicação e dos recursos de informática poderia ser de grande utilidade se fosse usado precisamente na direção oposta: na destruição dos velhos mitos, na elevação da autoestima linguística dos brasileiros, na divulgação do que há de realmente fascinante no estudo da língua. Mas não é assim. (BAGNO, 2015, p. 116)

Diante disso, ainda que os autores da novela pudessem ter alguma noção a respeito da temática do preconceito linguístico, dificilmente usariam esse conhecimento como meio de combatê-lo. Os personagens rurais possuem características que geram comicidade, em que há apelo para a caricaturização exagerada como meio de provocar riso nos telespectadores, tanto pela fala como pela atribuição de uma personalidade atrapalhada.

É bastante curioso que, à medida que Filomena vai se urbanizando, as características que lhe davam tom ingênuo e atrapalhado vão desaparecendo, ao mesmo tempo em que seu figurino vai sofrendo alteração. Candinho, no entanto, ainda que more na cidade, mantém o estilo “Jeca Tatu” por mais tempo. Há, em ambos, exagero quanto aos processos descritos.

Após algum tempo morando na cidade, Filomena passa a se expressar por uma variedade linguística completamente urbanizada, sem qualquer indício de sua fala original. Ainda que o falante não possua laço identitário com seu local de origem, é muito improvável que, tendo saído já adulto desse lugar (como é o caso de Filomena), mude completamente sua variedade linguística, num processo que se assemelha ao de apagar completamente a variedade anterior a fim de adquirir uma nova (Le Page, 1980).

Na obra, há uma cena em que uma outra personagem orienta Filomena a fazer algumas alterações para que não “vire piada”, como, por exemplo, substituir “ocê” por “você”, “marvada” por “malvada” etc. Na sequência, a personagem aparece utilizando, em contextos de evidente monitoramento, as novas formas aprendidas.

Um diálogo entre Candinho e Filomena ao se encontrarem pela primeira vez na cidade é uma prova disso:

Filomena: É você mesmo, Candinho?

Candinho: Craro, que sô eu, Filó... Craro que sô eu... É ocê tamem... Ocê machucô? Quem que era, era ladrão? É ladrão! É ladrão!

Filomena: Não, era pior que ladrão. Me ajuda, me ajuda aqui... Por favor

Candinho: Ocê inté tá falano iguar o povo aqui da cidade

Filomena: A vida num é nada que deveria ser, Candinho

Candinho: Ô, Filó, eu tô aqui. Eu protejo ocê... Ê lasquera, ocê tá tremendo mais que vara verde, vem comigo, vem comigo, vem, ocê vai drumi lá onde eu moro. Eu sei que o que cê precisa agora é dum amigo que lhe dê carinho, num é? (ÊTA MUNDO BOM!, 2016, cap. 05)

Mesmo estando há pouco tempo na cidade e em um momento de emoção no reencontro com o amigo de infância, Filomena monitora sua fala, executa as formas urbanizadas para se reafirmar, afastar a lembrança da figura do interior, o que causa imediato estranhamento em Candinho.

Já no diálogo apresentado a seguir, percebemos a ruptura momentânea com o falar urbano pela perda do monitoramento através da emoção, quando Filomena, ainda que involuntariamente, permite-se voltar à variedade rural que lhe é mais confortável.

Candinho: Então por quê cê fuge deu? Me largô no meio do salão suzinho. Eu me magoei por demais.

Filomena: Eu não queria te magoar.

Candinho: Passô... Dos meus sentimento ocê sabe, preciso sabê dos teu

Filomena: Candinho eu já disse, eu num sô mai a mema Filomena da fazenda. Sô otra.

Candinho: É a mema Filó sim, que otra o que? Só se fô otra por fora por causa desses vestido aí, dessa cara pintada. mai por dentro ocê há de ser a mema Filó que eu amava... Diz, Filó, cê tem sentimento por mim? Num ficô um tiquinho daquilo que ocê sentia dentro do seu coração?

Filomena: Candinho, é, é craro que...

Candinho: Filó, pensa no sentimento que eu tenho por ocê e no sentimento que ocê tem por eu... É só o que vale. Ah, Filó, eu sonhei tanto em tá perto docê, veno as estrela... Eu te amo, Filó. Eu te amo.

Candinho beija Filó

Filomena: Não, Candinho, não pode ser!

[...]

Filomena: Candinho, eu te bejei levada por um sentimento de menina da fazenda, nois brincando, corendo, tomando banho de rio, a vida era simpre mai cidade grande engole a gente, Candinho...

Candinho: Noi pode vortá pra lá

Filomena: *Mai eu num sô mai a mema, eu sô otra...*

Candinho: Não. Que *otra* o que? *Ocê* é a *mema* Filó da vida toda. *Mema* Filó que *faiz* meu coração *batê* apressado. A Filó que eu sempre amei

Filomena: E eu sô *otra* sim, Candinho. E *ocê* num deve *mai* se aproximar da minha pessoa, *num* *faiz* bom *procê* (ÊTA MUNDO BOM!, 2016, cap. 11)

O diálogo mostra uma adequada representação de um fator presente no processo de mudança linguística, pois é muito comum que um falante, que já não realiza determinadas formas, volte a usá-las quando em contato com algum outro falante da mesma variedade. Pagotto (2004, p. 133) explica que “cada falante é multifacetado em tipos vários, não é uno e sua fala só se organiza quando confrontada com a fala de outros” e é justamente isso que acontece com Filomena; confrontada com a fala de Candinho, ainda que não queira, sente a identificação com um membro de sua comunidade linguística. Desse modo, Filomena já poderia ser realocada no contínuo de urbanização:

Figura 3 – Contínuo e Urbanização “Eta Mundo Bom”



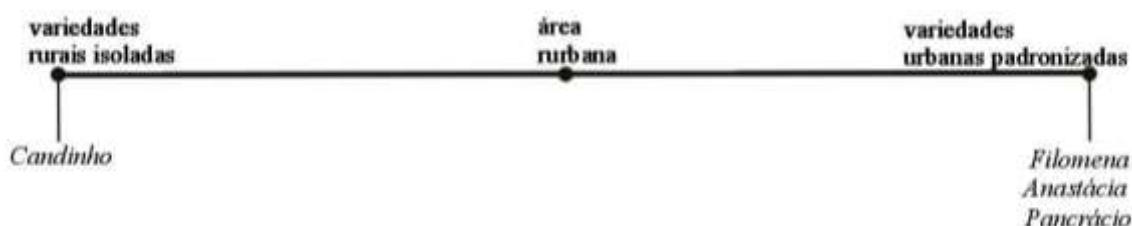
Fonte: A autora (2021)

Ao longo dos capítulos, percebemos uma constante movimentação de Filomena no contínuo de urbanização, o que até certo ponto seria muito comum, já que ela busca identificação na comunidade urbana em que está inserida. O problema aparece quando percebemos que essa movimentação não para até que ela esteja realizando uma variedade totalmente urbanizada, perdendo todos os traços descontínuos que executava enquanto falante da variedade rural (“ocê”, “foia”, “arto”).

Por outro lado, percebemos Candinho numa estranha estagnação, mesmo com o passar do tempo e o convívio na cidade. Ainda que todo o seu referencial identitário esteja na variedade rural, uma vez inserido num ambiente totalmente urbano, é duvidável que um falante se mantenha exatamente no mesmo ponto do contínuo que se encontrava quando morador do meio rural, isso porque algumas aquisições acontecem quase que involuntariamente.

Ou seja, os dois personagens passam por processos ideais, que não acontecem com falantes reais. Assim, até o fim da novela, os personagens estarão dispostos da seguinte maneira:

Figura 4 – Contínuo e Urbanização “Eta Mundo Bom”



Fonte: A autora (2021)

No contínuo, representamos, além dos já conhecidos Candinho e Filomena, os outros dois personagens analisados na novela, a fim de não só analisar suas localizações no contínuo de urbanização, como também traçar uma linha comparativa entre todos.

Anastácia, filha de um barão, viveu sempre em ambiente urbanizado, tendo acesso a eventos de letramento que lhe possibilitaram não só a variedade urbana, mas a variedade urbana padronizada, a qual, pelo senso comum, recebe o rótulo de “forma certa”. Mantém-se estável em todo o desenrolar da novela, mesmo em momentos de extrema emoção, como no reencontro com o filho perdido. Tal estabilidade pode ser explicada pelo fato de essa ser a variedade que Anastácia conheceu desde o processo de aquisição da língua, reconhecendo nela sua identidade linguística por ser a variedade de sua comunidade de fala durante toda a vida.

O personagem Pancrácio, assim como Anastácia, tendo vivido a maior parte do tempo na cidade e tendo acesso à escolarização formal, realiza a variedade urbana padronizada. Para os moradores da fazenda, sua formação se sobressai à personalidade, em todos os momentos em que vão se referir a ele, chamam-no “Professor Pancrácio” ou apenas “Professor”, o que podemos encarar como uma tentativa de representar o prestígio que têm pessoas letradas em ambientes rurais, cuja variedade é admirada por ser um “falar bonito”, “falar direito” denotando que o prestígio não está apenas na escolarização, como também na variedade linguística.

Assim, dentre os quatro personagens analisados, Candinho é o mais caricato. É difícil que um telespectador se identifique com o personagem. Filomena, apesar de passar por um processo linguístico incomum, não é uma personagem cuja caricaturização se sobressaia, não representa exageros e não causa estranhamentos no público, exceto, talvez, uma desconfiança em relação ao apagamento de sua variedade identitária. Anastácia e Pancrácio são personagens cuja fala está isenta de estereótipos, por isso, não são passíveis de avaliação.

No entanto, o personagem Pancrácio traz uma particularidade: ele representa outros papéis dentro da novela. O professor se fantasia de personalidades diversas a fim de pedir donativos na frente da igreja. Porém, em suas diversas representações, há manutenção da variedade linguística. Tendo se fantasiado de freira, cego, ex-combatente, grávida e muitos outros, o que muda, na maioria das vezes, é apenas a entonação.

Não é possível precisar se essa é uma característica atribuída propositalmente ao personagem, mas estando ele na pele de várias outras personalidades, sua fala deveria acompanhar a realidade dessas, a fim de afirmar-lhes individualidade.

A fala, como posto anteriormente, particulariza, dando identidade aos falantes – idade, sexo, origem, classe social, acesso à cultura letrada, aos bens culturais, etc. são fatores perceptíveis por meio de nossa expressão linguística. Como relata Castilho (2010, p. 212), “pesquisas sobre o PB culto mostraram [...] que mulheres e homens distribuem diferentemente expressões do tipo eh..., ahn..., eh..., quando falam [...]”.

Percebemos uma variedade diferente apenas quando Pancrácio representa um homem refugiado da seca do sertão, como em “Fui tocado pela seca, *num* sabe? *Os boi morreu* tudinho. *Travessei* a caatinga a pé, movido pela graça de meu *Padim Padi Cico*, mas *pirdi* de um tudo. *Num* tem nem o que *cumê*”, em que expressões e articulação dos fonemas, próprias da região Nordeste, são empregadas (como a articulação dental do /t/ e do /d/ diante de /i/).

Apesar de bastante caricata, foi a primeira sub-representação do personagem em que de fato houve mudança na variedade falada, o que se deve, em grande parte, ao fato de, assim como o falar rural, a variedade nordestina ser muito estereotipada. Bagno (2015) trata disso ao afirmar

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. (BAGNO, 2015, p.68)

Apesar de a fala de Bagno (2015) se confirmar em diversos personagens de obras da emissora por ele citada, como a “Chayene” (interpretada por Cláudia Abreu) da novela Cheias

de Charme (2012), por exemplo, temos aqui um objeto de estudo em que essa caricaturização não ocorre. Trata-se da obra “Onde Nascem os Fortes”.

A obra, cujo título já pressupõe sua intenção comunicativa com a representação dos personagens, é uma supersérie que se passa na pequena Sertão, apresentada ficcionalmente como localizada no município de Pernambuco. Os personagens, em sua maioria nordestinos, demonstram uma louvável busca pela atuação fidedigna do povo nordestino, o que, felizmente, também se realiza na fala.

Usamos a palavra “busca” porque o personagem Pedro Gouveia, por exemplo, ora utiliza fonemas comuns na variedade nordestina (como dia [djɐ], tia [tjɐ] e Valdir [vɐw’di]), ora utiliza formas realizadas com mais frequência em outras regiões (dia [dʒjɐ], tia [tʃjɐ], Valdir [vɐw’dʒi]). Não dá para presumir se essa característica foi um deslize de representação, ou se é uma marca do proposital, uma vez que, como observa Mota (2016, p. 67) “As realizações dentais para o /t, d/ diante de [i] não gozam de prestígio, aparecendo, algumas vezes, como estereótipo para identificar a fala nordestina”.

Além da articulação dental do /t/ e do /d/ diante de /i/, os personagens nativos da cidade fictícia Sertão trazem outras marcas típicas da variedade nordestina, como uso de expressões características, como “mainha”, “oxe”, entre outras; a realização do pronome de segunda pessoa, tu, seguido do verbo flexionado em terceira pessoa do singular (“Quando é que tu volta?”) (PEDROSA, 1999); a assimilação do grupo -nd, como em “dormindo – dormino” (MARROQUIN, 1934); vogais médias pretônicas abertas como em “perfume – p[ɛ]rfume” (MOTA, 2016), entre outras.

Isso é visto, em menor escala, na fala da personagem Cássia. Mulher de nível universitário, nasceu na cidade de Sertão e mudou-se para a capital, Recife, vinte anos antes do início da trama. Em sua fala, ouve-se a abertura das vogais e /t/ e /d/ dentais, mas não se detecta a assimilação do grupo -nd. Embora sendo um traço gradual, pode ser menos encontrado nos falantes cultos do Português Brasileiro.

Tais marcas não são apresentadas, por exemplo, na expressão linguística da personagem Joana, que é paulistana, como sabemos já no primeiro capítulo por uma fala de Nonato, quando este diz “São Paulo! E eu do Recife. Somos dois estrangeiros perdidos aqui nessa terra!”, e, por isso, apresenta uma variedade que não pertence aos falantes daquela região, o que deixa clara sua qualidade de “forasteira”.

Em uma conversa com Pedro, as variantes diferentes são notadas, como o tepe, variante “paulistana” do (-r) em coda silábica (CRISTÓFARO SILVA, 2007), além da articulação palatal de /t/ e /d/ diante de /i/. Transcrevemos uma breve parte desse diálogo:

Joana: Cê tá diferent[ʃj].

Pedro: Tu também.

Joana: Eu? Eu só dou volta e não saio do luga[r]. Sei lá! Quando eu acho que tô fazendo tudo ce[r]to, dá tudo errado d[ʃj] novo! (ONDE NASCEM OS FORTES, 2018, cap. 08)

Tal como ocorre em “Eta Mundo Bom!”, comunidades linguísticas são confrontadas no momento em que um falante reside num ambiente cuja variedade linguística comum é diferente da sua. No entanto, diferente do que acontece na novela aqui analisada, na supersérie, a personagem não é exposta a situações que promovam o preconceito linguístico, assim como uma variedade linguística não é evidenciada em detrimento de outra e não há a representação de conceitos de “certo e errado” quando se trata de língua.

Outro personagem que merece destaque em relação à questão linguística é Ramirinho.

Nascido em Sertão, é filho do juiz da cidade, que bem representa o estereótipo do nordestino “cabra macho”. Como Ramirinho, é um jovem reprimido, de poucas palavras e tom sempre baixo. Entretanto, o rapaz tem vida dupla, já que incorpora, como já expusemos, a drag-

queen Shakira do Sertão. Como ele próprio menciona em uma passagem da obra “Eu sou diferente, não sou igual a ele [o pai] e quero que ele me aceite como sou”.

Em sua primeira aparição, o personagem surge cantando, suave e introspectivamente, enquanto se observa no processo de montagem de sua drag queen. Quando seu pai bate à porta, aquela expressão feminina se esvai, e a resposta dada é firme, coerente com o que o pai espera de um homem sertanejo.

Nesse espaço de personagem duo, é presumível que haja diferença, ou uma alternância de variedades em sua expressão quando representando um e outro personagem, afinal, como observa Pagotto (2004, p. 114) ao referenciar Benveniste, “(...) da mesma maneira que o sistema linguístico tem pontos em sua estrutura nos quais se abre para a subjetivação e para os processos de enunciação [...], as variáveis são essas aberturas no sistema onde o sujeito pode se dizer.”

Fazendo uma busca simples do significado do termo “drag queen”, encontramos:

locução substantiva.

Aquele que se veste ou se produz com roupas femininas, usa maquiagem de forma extravagante, se vale de grande expressividade gestual e que, normalmente, se apresenta como artista em espetáculos, festas, shows etc. (DICONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2018, não paginado)⁸

Importa ressaltar que, quando na condição de drag-queen, não existe caricaturização, uma vez que sua representação está em conformidade com o que se espera dessa personalidade, desde o figurino, a postura gestual, ao nome, conforme se apresenta a própria personagem “O meu nome é Jacira Jatira Jandira, mas pode me chamar de Shakira”, com uma entonação afeminada.

Suas aparições são, geralmente, prelúdios da apresentação artística e sua expressão se dá por meio das letras de músicas expressivas, instintivas, fortes, como “sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher. Sou a mesa e as cadeiras desse cabaré [...]”, em que atesta sua androgenia.

Diferente do Pancrácio, que traz outras personalidades sem marcar na expressão, sem se “montar” em outro sujeito, Ramirinho dá lugar à Shakira do Sertão, uma nova pessoa, tal qual ocorre com drag-queens reais, que buscam o outro, o seu eu não-normativo, por meio de sua “montaria” (LOURO, 2004). É uma nova personalidade, que se mostra na expressão corporal, no olhar, na face e na linguagem, que, nesse caso, expõe sua personalidade pelas palavras contidas nas letras das músicas que canta, corroborando, de certo modo, o que expõem Chidiac e Oltromari (2004, s/p), quando discorrem que “as palavras escolhidas pelas drag queens colaboram, de modo decisivo, para a formação de sua imagem”.

Como já expusemos, são poucas as falas de Shakira do Sertão, visto expressar-se pela canção. Há um momento de desespero, em que, sendo perseguida por um homem, ela chora e apenas pede “Para, menino! Sai, menino, me solte! Para, sai, menino!”. O vocativo “menino” dirigido a um homem, que, no caso era uma autoridade, pois representava o Delegado da cidade, repete-se em outras cenas, formando a imagem dessa personagem, como mostram Chidiac e Oltromari, 2004, sem, no entanto, trazer marcas linguísticas expressivas do universo das drags. Shakira do Sertão é música, expressão corporal e gestual. A linguagem não-verbal une-se à verbal pelas letras das canções, trazendo a performatividade com sua ideologia e práticas sociais. Neste caso, a drag queen coberta pela poeira e pelo sotaque do sertão.

⁸ Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/drag-queen/]. Acesso em: 26/06/2019.

Por fim, se formos alocar os personagens da microssérie no contínuo de urbanização, sua alocação não seria muito diferente, podendo assim ser representada:

Figura 5 – Contínuo e Urbanização “Onde Nascem os Fortes”



Fonte: A autora (2021)

Nosso olhar para os dados poderia continuar, pois há muito a ser explanado sobre cada um dos personagens aqui mencionados, mas cremos que as amostras são suficientes para o que nos dispusemos neste trabalho.

5 O QUE PODEMOS CONCLUIR

Construto social, a língua materializa-se na fala e marca identidades, assim, no plural, pois não somos os mesmos a todo tempo. Transformamo-nos com o tempo, pelas relações sociais, pelas atividades que desempenhamos e de acordo com o cenário histórico e cultural que nos individualiza. E uma das principais formas de marcar essas identidades múltiplas é a expressão linguística, como mostramos neste trabalho. Assim, a maneira como nos veem é perpassada pela forma como usamos a língua, com isso, qualquer tipo de representação terá nesse pormenor um dado importante.

Para verificar essas premissas, duas obras televisivas foram analisadas, e confirmamos que a representação dos falantes pode ter dois enfoques, como refletimos no início: a naturalidade ou o estereótipo. A representatividade ou a caricatura.

Em “Eta mundo bom”, os personagens são caricatos em essência. Falantes rurais que não sofrem a influência do contexto ou que apagam variedades linguísticas; falantes urbanos que não apresentam traços graduais em situações de não monitoramento linguístico. Perpetua-se, na obra, a ridicularização de uma comunidade de fala, desmerecendo seus falantes.

Em “Onde nascem os fortes”, vemos uma busca pela representatividade. Falantes nordestinos sendo respeitados em sua variedade linguística, sem estereótipos e sem comicidade. Percebemos a preocupação em representar a realidade, ao se buscar ressaltar características reais e na dosagem certa, possibilitando identificação por parte dos telespectadores, desde a caracterização visual e auditiva (a trilha sonora ampliou, nesse caso, a ambientação cenográfica), até as diversas particularidades do povo nordestino. A variedade linguística nordestina é representativa da comunidade que a usa; por conseguinte, enaltecem-se esses falantes.

É possível afirmar, portanto, que uma obra representa com fidelidade o falar nordestino, ao passo que outra reforça o estereótipo do homem e da mulher rurais como Jecas Tatus ad eternum, perpetuando o preconceito linguístico em relação aos usuários dessa variedade linguística.

Percebemos, também, o horário de exibição como provável responsável pelo simulacro, uma vez que a novela que compactua com a discriminação linguística dos falantes foi exibida às 18h, momento de happy hour em que, comumente, espera-se uma programação mais fluida e risível. A supersérie, entretanto, passou em horário destinado aos filmes, aos telejornais, aos documentários, em que se prima pela seriedade. No entanto, os telespectadores desta e daquela obra diferenciam-se pelo número e pelo acesso ao letramento. No horário das seis, atinge-se um público mais popular. O preconceito, portanto, atinge justamente os objetos da discriminação,

que riem de si próprios, num paradoxo já observado por Paulo Freire (2016) quando menciona o sonho do oprimido de se tornar opressor.

Nesse sentido, retomamos a ideia defendida por Bagno (2015) quando lamenta a grande oportunidade das emissoras (muitas vezes desperdiçada) de disseminar a grandes públicos ideias que contribuam no combate ao preconceito linguístico. É evidente que em muitos momentos (o que não se aplica a "Onde nascem os fortes") não há uma preocupação quanto a isso, justamente pelo fato de este ser um preconceito tão vivo e mascarado em nossa sociedade. Fora do espaço dos pesquisadores da Língua, não se discute muito sobre preconceito linguístico, e assim como os demais, para combatê-lo, faz-se necessário que o tema esteja vivo em nossas discussões. Precisamos defender a vivacidade dessa que é nossa maior marca, policiando-nos para não sermos elementos multiplicadores de estigmas ao perpetuarmos caricaturas e estereótipos. Está mais que na hora de defender o direito de cada um ter a sua cara sociolinguística (FARACO, 2014) e sua identidade cultural fortalecidas na e pela língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: SÃO PAULO. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para os 1º e 2º graus: coletânea de textos**, v. 1. São Paulo: SE/CENP, 1988. p. 29-41.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTROMARIL, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estud. psicol.**, Natal, v.9, n.3, Sep/Dec. 2004.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In.: ZILLES, A.M.S.; FARACO, C.A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972).

LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, University of York, v. 9, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas**, v.9, n.2, p.541-553, 2001.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

MOTA, Jacyra. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. *In*: LOPES, Norma da Silva; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.) **A fala nordestina**: entre a sociolinguística e a dialetologia. São Paulo: Blucher, 2016. p. 56-74. [livro eletrônico].

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. A influência das restrições sociais na concordância verbal com o pronome 'tu' na fala pessoense. *In*.: MOURA, Denilda (org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 527-530.